

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS ÀS QUESTÕES METODOLÓGICAS DAS PESQUISAS EM JORNALISMO AMBIENTAL

Amlí Paula Martins de MIRANDA⁶⁸

Leonel Azevedo de AGUIAR⁶⁹

RESUMO: Desde que o Jornalismo se consolidou como área de estudo científico, começaram os debates sobre o uso de metodologias utilizadas pelos pesquisadores nesse campo do conhecimento. São questões pertinentes, inclusive no Jornalismo Ambiental, uma especialização nova na área e que ainda busca uma definição consensual. O objetivo do artigo é analisar o conteúdo dos 20 trabalhos aprovados que estão na categoria Comunicações Livres nos Anais do II Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo Ambiental, realizado em Porto Alegre, em 2014. Será adotada a metodologia desenvolvida pelo Grupo de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Ambiental. Metodologias. Pesquisa em Jornalismo.

ABSTRACT: Since journalism was consolidated as a scientific study area, the discussions began about the use of methodologies used by researchers in the field of knowledge. Are relevant issues, including the Environmental Journalism, a new specialization in the area that still seeking a consensus definition. The objective of this article is to analyze the contents of the 20 jobs approved in the category Free Communications in Proceedings of the II National Meeting of Researchers in Environmental Journalism, held in Porto Alegre in 2014. This paper adopted the methodology developed by the Research Group Applied to Journalism.

KEYWORDS: Environmental Journalism. Methodologies. Research in Journalism.

1. Introdução

O Jornalismo se consolidou como um campo de estudos científicos na área da

⁶⁸ Doutoranda em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Geografia/Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal de Mato Grosso. Jornalista diplomada pela PUC-Rio. E-mail: paula.miranda@outlook.com

⁶⁹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jornalista diplomado pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: laaguiar@uol.com.br

Comunicação em pouco mais de um século e prossegue sua institucionalização no novo milênio. A pesquisa em Jornalismo Ambiental segue essa trajetória, com pesquisadores preocupados com os rumos das práticas profissionais que costumam ser motivadas por eventos ou catástrofes. Contudo, os estudos apontam que a maioria dos pesquisadores busca analisar os conteúdos de material jornalístico e incentivar um novo Jornalismo Ambiental que seja ético, público e educador.

Nesse contexto, o processo de elaboração de uma pesquisa deve envolver as questões teóricas e metodológicas mais adequadas para o objeto de estudo escolhido no Jornalismo Ambiental. As metodologias sempre foram motivo de debates, com destaque para o ponto sobre quais seriam as mais apropriadas ao trabalho do pesquisador. Uma perspectiva em comum nesses debates aponta para a importância de se ter a sabedoria acadêmica e a vontade necessária para tornar a pesquisa relevante e ainda incentivar o trabalho de outros pesquisadores.

O objetivo deste artigo é analisar o conteúdo dos 20 trabalhos aprovados que estão na categoria Comunicações Livres nos Anais do II Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo Ambiental, realizado em Porto Alegre, em 2014. A categoria acolhe textos propostos por doutores, doutorandos, mestres e mestrandos. Este objeto de estudo foi escolhido diante da relevância na evolução metodológica nas pesquisas nesta especialização do Jornalismo. Para isso, foi adotada a metodologia utilizada por Machado e Sant'Ana (2014) na pesquisa *Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo. Um estudo sobre matrizes metodológicas e manuais de referência (1949-2010)*, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo (LAPJOR) no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC desde 2012. Essa pesquisa teve como resultado preliminar o artigo *Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo: um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da COMPÓS (2000-2005)*, citado neste trabalho.

Para a análise dos 20 trabalhos do II ENPJA, foram quatro categorias de análise aplicadas na pesquisa de Machado e Sant'Ana (2014, p.4): “tipo de pesquisa, rigor formal, referências metodológicas utilizadas e o nível de formação dos autores”. Quando avaliado o tipo de pesquisa, foi feita a distinção entre ensaio, pesquisa teórica, empírica ou aplicada. Sobre a questão do rigor formal, foi analisado se os trabalhos são divididos em partes e se a conclusão vem separada do desenvolvimento do trabalho e ainda se a metodologia é apresentada no resumo, no corpo do texto ou nas duas partes. As referências metodológicas

usadas são avaliadas de acordo as classificações científicas utilizadas pelos autores citados: se pertencem à área da Comunicação, ao campo do Jornalismo ou demais áreas de conhecimento. Por fim, se classificaram os pesquisadores pelo nível de formação: doutor ou doutorando, mestre ou mestrando e graduado ou graduando.

Este trabalho está dividido nas seguintes partes: 1) Desafios metodológicos na pesquisa em Jornalismo; 2) Análise dos artigos do II ENPJA na categoria Comunicações Livres. Na primeira, é apresentado um breve relato sobre a busca pela autonomia do Jornalismo como área científica, as fases percorridas pelo jornalismo como objeto de estudo no Brasil, o seu fortalecimento no campo acadêmico com o lançamento de diversas publicações, a difusão de pesquisas em eventos da área, os desafios enfrentados pelos pesquisadores e a importância das questões metodológicas.

Ainda na primeira parte, é destacada a necessidade de reflexões e pesquisas sobre questões ambientais e a rotina produtiva nas redações em uma sociedade dominada pela técnica e a produção industrial de informações. A segunda parte apresenta a análise dos artigos do II ENPJA, de acordo com os critérios apresentados para este trabalho. A proposta deste artigo não é criticar a capacidade dos pesquisadores, mas sim despertar a busca pela competência metodológica para que seus estudos e pesquisas encontrem a excelência acadêmica, mantendo suas identidades como jornalistas.

2. Desafios metodológicos na pesquisa em Jornalismo

O Jornalismo como área científica de estudos busca o caminho para sua autonomia em pouco mais de um século. Porém, existem registros de estudos específicos desde o século XVII, sendo a Alemanha considerada o país de origem das pesquisas acadêmicas em Jornalismo com o registro da defesa da primeira tese de doutorado na área, desenvolvida por Tobias Peucer em 1690, segundo Groth (2011). O pioneirismo alemão é destacado com a primeira cátedra em uma universidade, em Muenchen, em 1924. No início do século XX, a proposta para analisar o Jornalismo de forma científica ganhou fôlego com a fundação de institutos de pesquisa, escolas de graduação e pós-graduação e associações científicas em várias partes do mundo.

No prefácio do livro *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, organizado por Cláudia Lago e Marcia Benetti, José Marques de Melo discorre sobre as três fases percorridas pelo Jornalismo como objeto de estudo no Brasil. A primeira fase é quando a universidade se firma

como instituição nacional na década de 30 do século XX. A imprensa se transforma na fonte para os trabalhos científicos. Dentre esses trabalhos, Melo cita estudos feitos por ele no livro *Estudos de jornalismo comparado*, publicado em 1972.

A segunda fase é a inclusão do Jornalismo como disciplina universitária e a fundação dos cursos para habilitação de profissionais na área nos anos 40 do século XX. É o momento do despertar dos estudantes no estudo científico sobre o Jornalismo. Fato natural diante do desenvolvimento das pesquisas nas disciplinas ministradas. Um dos marcos dessa fase é a criação do Instituto de Ciências da Informação (Icinform), fundado por Luiz Beltrão na cidade de Recife (PE), em 1963. Beltrão, pioneiro nas Ciências da Comunicação no país, sabia dos obstáculos que seriam enfrentados nas discussões sobre as questões metodológicas nessa área. Ele enfrentou duras críticas feitas diante do trabalho realizado com os alunos das primeiras turmas do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

A terceira fase, de acordo com José Marques de Melo, aconteceu em 1967 na Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo. Naquela época, foram criados programas de pesquisa em jornalismo na graduação e na pós-graduação. A instituição passou a desenvolver vários projetos na área com uma equipe de pesquisadores trabalhando com dedicação exclusiva.

Desde então até o século XXI, o Jornalismo vivencia o fortalecimento no campo acadêmico com o lançamento de diversas publicações e a difusão de pesquisas em eventos da área como os organizados pelas seguintes entidades: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), fundada em 1977, em São Paulo; a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), criada em 1991, em Belo Horizonte (MG); e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), que surgiu em 2003 na Universidade de Brasília (UnB); e o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, que realizou seu primeiro encontro nacional em 1995, em Aracaju. Com a difusão do conhecimento, surgiram e continuam até hoje os debates sobre questões teóricas e metodológicas no estudo do Jornalismo. Segundo Marques de Melo,

Essa microcomunidade cognitiva defronta-se com problemas inerentes à dinâmica da macrocomunidade científica, entre eles a validação dos conhecimentos que produz no cotidiano. Por isso mesmo, para legitimar-se institucionalmente necessita reafirmar sua identidade intelectual (MELO, 2010, p. 15).

Sobre essa questão, Ferreira (2003), baseado no conceito de campo social de Pierre Bourdieu, relata como acontecem as disputas e os debates no campo acadêmico dos estudos de Comunicação e como essas disputas atrapalham a legitimação da pesquisa na área, incluindo nessa discussão o Jornalismo. O autor busca explicar o motivo da baixa representatividade dos pesquisadores da Comunicação no campo acadêmico comparada às outras disciplinas, alertando para o fato que a área é, dentro de uma sociedade dominada pelas técnicas de informação e comunicação, um fator preponderante nas mudanças sociais, em especial no sistema educacional. Segundo Ferreira (2003, p. 259), essa desarticulação teórico-metodológica é agravada diante das disputas da maioria dos pesquisadores que “gasta parte de seu tempo em disputas paroquiais, exercitando, muitas vezes, em congressos e encontros o diálogo de surdos, abalando ainda mais as frágeis estruturas que os articulam em torno do dito pensamento comunicacional”.

Nesse contexto, é necessário o diálogo mais consistente na busca pela legitimação da área e no aumento da qualidade nas pesquisas, pois a elaboração de uma pesquisa exige construção teórica e a busca de estratégias, métodos e técnicas adequados para responder as questões da investigação. Nas pesquisas sobre o Jornalismo, acontece o mesmo. É necessário ter o compromisso, a sensibilidade necessária para tornar a pesquisa legítima e relevante para a área. Lago e Benetti ressaltam essa questão com o seguinte comentário:

No caso das pesquisas do campo da Comunicação em geral, e do Jornalismo em particular, marcadas pela multidimensionalidade, é imperioso aprofundar a compreensão da esfera metodológica das pesquisas, quando menos porque nossos objetos de estudo são frequentemente multidisciplinares e se apoiam em metodologias formatadas em outras disciplinas (LAGO; BENETTI, 2010, p. 17).

Mesmo assim, um dos maiores problemas no desenvolvimento de estudos na área é a escassez de referências para orientação sobre metodologias e procedimentos adotados nas pesquisas. Machado (2010, p.10) discorre sobre essa questão em seu trabalho, ressaltando que, como o Jornalismo se tornou uma “área científica autônoma” em pouco mais de um século, “a produção de manuais de orientação para pesquisa conta com menos tempo ainda”.

O autor cita que duas publicações identificadas como pioneiras na área de pesquisa do Jornalismo nos Estados Unidos e no Brasil tem um intervalo de mais de 30 anos entre a publicação das duas. A primeira, segundo Machado (2010), é *An Introduction to Journalism Research*, editado pelos professores da University of Wisconsin, Ralph Otto Nafziger e Marcus Wilkerson da Louisiana State University, de 1949, e *Estudos de Jornalismo Comparado*, publicado pelo professor José Marques de Melo, da ECA/USP, em 1972, obra já citada

anteriormente neste artigo. Os dois trabalhos, de acordo com Machado (2010), apresentam coletâneas de artigos e ensaios, fazem o mapeamento de referências na área e trazem resenhas sobre linhas de pesquisa consideradas relevantes na época. São obras consideradas essenciais dentro de um processo de legitimação do Jornalismo como área científica naquela época. Outra contribuição direta de Nafziger foi um trabalho editado em 1958 com David White, autor da teoria do *gatekeeping* aplicada ao jornalismo: o *Manual Introduction to Mass Communication Research Methods*.

Já sobre a produção de manuais especializados na virada deste milênio, Machado (2010) faz uma análise da produção editorial de obras relevantes como: *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo*, coletânea organizada por Cláudia Lago, da Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo, e Marcia Benetti, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, livro publicado em 2007 e citado neste artigo; *Global Journalism Research: Theories, Methods, Findings, Future*, editado menos de um ano depois por Martin Löffelholz, da Universidade de Ilmenau, na Alemanha, e David Weaver, da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos; e *The Handbook of Journalism Studies*, de 2009, editado por Thomas Hanitzsch, da Universidade de Zurique, na Suíça, e Karin Wahl-Jorgensen, da Universidade de Cardiff, no Reino Unido.

Cada publicação a seu modo busca fazer o mapeamento de referências relevantes, apresentar questões teóricas contemporâneas, descreve metodologias e apresenta exemplos através de vários trabalhos publicados, procurando ir além da forma básica dos manuais com definições de ciência, objeto, metodologia, problema, hipóteses e elaboração de projetos. Por outro lado, ainda segundo Machado (2010, p. 20), essas obras mostram que “os estudos científicos em jornalismo são dependentes do uso de metodologias oriundas de outras disciplinas científicas” e os autores analisados apresentam exemplos de métodos utilizados em áreas como Psicologia, Sociologia, História, Geografia Humana, Ciência Política, Linguística e Estudos Culturais.

Ainda sobre a importância das questões metodológicas, a grande maioria dos trabalhos sobre Jornalismo está incluída na pesquisa qualitativa que envolve uma série de práticas materiais e interpretativas para a compreensão do objeto de estudo escolhido pelo pesquisador, Segundo Denzin e Lincoln (2000), é um campo de investigação que utiliza uma série de materiais empíricos para a coleta de dados como estudos de caso; entrevistas; textos; materiais interativos e visuais; documentos; artefatos. Conforme esses autores,

The many methodological practices of qualitative research may be viewed as soft science, journalism, ethnography, *bricolage*, quilt making, or montage. The researcher, in turn, may be seen as *bricoleur*, as a maker of quilts, or in filmmaking, a person who assembles images into montages (DENZIN; LINCOLN, 2000, p. 4).

Ou seja: várias áreas de estudo como o Jornalismo que buscam entender e explicar o comportamento humano, as instituições e a sociedade se baseiam em técnicas de investigação científica. Porém, existem dificuldades para estabelecer critérios exatos e definidos para essas investigações. O pesquisador, em muitos casos, é visto como um indivíduo que elabora a pesquisa como uma colcha de retalhos ou como um editor de filmes que monta imagens a partir de um material bruto.

José Marques de Melo, em outro prefácio para o livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, destaca as descobertas e obstáculos no desenvolvimento da pesquisa brasileira nessa área e acredita que

A evidente fragmentação de procedimentos metodológicos aqui reunidos espelha com fidedignidade a etapa atual da pesquisa em comunicação no Brasil. Ela deve, contudo, ser tomada como ponto de partida para o redimensionamento histórico do campo intelectual em que trabalhamos, ensejando o fortalecimento da nossa identidade acadêmica e ampliando a nossa contribuição para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro (MELO, 2011, p. 12).

Na área de jornalismo, o pesquisador enfrenta uma série de desafios, empregando estratégias, métodos e materiais empíricos que estejam à disposição ou que até sejam adaptados ao objeto de estudo. O desafio seria a ruptura com modelos importados de outras áreas. Nesse contexto, a pesquisa em jornalismo ambiental, uma especialização tão recente, enfrenta, talvez dificuldades maiores.

Toda a evolução do pensamento sobre as questões ambientais fez emergir uma ética da responsabilidade buscando incentivar a humanidade na busca de um consenso entre os atores sociais na proteção da natureza para assegurar nossa existência na Terra. Os reflexos dessa concepção no discurso jornalístico despertam a necessidade de reflexões e pesquisas sobre questões ambientais e a rotina produtiva nas redações em uma sociedade dominada pela técnica e a produção industrial de informações.

Aguiar e Schaun (2011) apresentam a progressão das formações discursivas desde os anos 60 até a década de 90, que constituiu o que se fala e como se fala sobre o meio ambiente até os dias de hoje. Segundo os autores, nos anos 60, o discurso sobre as questões ambientais começa com as propostas de superação dos problemas ambientais, apresentando o perigo diante da devastação e a necessidade da mobilização política. Na década de 1970, começa a

organização de eventos, comícios, palestras, atos públicos e conferências, nos Estados Unidos e vários países da Europa. Um exemplo é a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em 1972, em Estocolmo. Foi o momento do início da reflexão sobre os limites da exploração e utilização dos recursos naturais do planeta para garantir a sobrevivência da humanidade. As questões ambientais alertam para as consequências dos atos de uma sociedade que traz como base os valores materialistas. O consumismo acima de tudo.

Esses autores destacam ainda as mudanças discurso nos anos 80, marcadas pela “figura da crise cultural”. Ou seja: o momento de superação do pensamento racionalista e dos valores materialistas que sempre foram alicerces da Modernidade. Nessa fase, foi proposto o conceito de desenvolvimento sustentável, ideia muito difundida em vários textos jornalísticos no Jornalismo Ambiental na atualidade. Construído a partir de corrente ideológica do conservacionismo ou o amor à natureza aliado ao seu uso racional (um meio termo entre preservacionismo e desenvolvimentismo), o desenvolvimento sustentável permite um acordo ou o equilíbrio entre o crescimento econômico e a preservação ambiental. Aguiar e Schaun (2011) ressaltam que, naquele momento, a questão ambiental adquiriu pela visibilidade nos meios de comunicação de massa, o que contribuiu para a disseminação desse discurso e as discussões sobre ele.

Na década de 90, iniciaram os debates sobre as questões ambientais, enfatizando o risco global, ou seja, o planeta como um todo está ameaçado por um modelo de sociedade centrada no individualismo e no consumo sem limites em um mundo capitalista globalizado. Nessa fase, o movimento ecológico se separa dos movimentos sociais e políticos. Os problemas ambientais fazem parte de uma crise global. Essas transformações, envolvidas com as questões sociais, políticas e econômicas em todo o mundo, podem influenciar o discurso jornalístico sobre o meio ambiente.

A visão biocêntrica, nesse contexto de transformação do discurso científico e jornalístico sobre as questões ambientais, apresenta a concepção oposta ao antropocentrismo que mostra a humanidade como o foco da existência. As concepções biocêntricas defendem que o homem tem deveres em relação à natureza porque todas as formas de vida são importantes. O ser humano deixa de fazer o que quer da natureza e passa a ser responsável por ela. Toda a evolução do pensamento sobre as questões ambientais fez emergir uma ética da responsabilidade buscando incentivar a humanidade na busca de um consenso entre os atores sociais na proteção da natureza para assegurar nossa existência na Terra.

Nesse cenário, o jornalismo ambiental acompanha a evolução das correntes de pensamento e transformações no discurso em tempos de discussão sobre seu papel na produção da informação e nas mudanças sobre a visão do homem em relação ao meio ambiente. Girardi *et al* (2010) inicia o debate sobre esse papel quando afirma que

Não há uma definição consensual sobre Jornalismo Ambiental, o que afeta diretamente sua prática. Embora existam casos em que ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, entendemos que o Jornalismo Ambiental extrapola a ideia de ser e fazer um jornalismo tradicional centrado nos assuntos de meio ambiente. [...] Ele está norteado por uma série de características e/ou atributos que vão além de exercer uma cobertura factual ou programada (GIRARDI *et al*, 2010, p. 4).

A história do jornalismo ambiental segue nessa busca por um conceito e evolui das denúncias em relação à devastação do meio ambiente para a fase da divulgação e disseminação de projetos com resultados positivos e que apresentam melhora da qualidade de vida dos seres humanos. Villar (1997) conta que quando foi realizada, em 1968, a Conferência da Biosfera em Paris a primeira entidade de Jornalismo Ambiental é fundada na França. Desde então, o discurso jornalístico sobre as questões ambientais ganha espaço nos meios de comunicação de massa e provoca debates e polêmicas.

No Brasil, no mesmo ano, o repórter Randau Marques é preso por escrever reportagens para um jornal da cidade paulista de Franca sobre a contaminação de gráfcos e sapateiros com chumbo. Um ato considerado subversivo ainda mais por ser em uma cidade considerada como berço dos curtumes. Ele escreveu sobre intoxicação de agricultores e a mortandade de peixes em águas poluídas. Acabou se especializando em temas ambientais e fez diversas reportagens de impacto nos anos de 1970.

As reportagens sobre meio ambiente começaram meio que escondidas em outras editorias como Ciência, Tecnologia, Cultura, Cidades, Política e Economia. O tema quase nunca era tratado com o foco necessário, mas sim a partir das implicações das questões ambientais para leitores de outras especializações jornalísticas. Mas essa tendência prossegue. De acordo com Girardi *et al* (2010), apesar do Jornalismo Ambiental ter conseguido ter mais espaço na mídia, “a abordagem da questão ambiental no jornalismo diário, todavia, permanece sendo uma grande preocupação; é desafiante pensar meio ambiente para além de uma editoria especializada”. Nesse contexto, entre a busca por uma conceituação e por um espaço mais definido na mídia, o Jornalismo Ambiental, como aponta Girardi *et al* (2010), sofre críticas sobre “a falta de abordagem sistemática e não apenas motivada por eventos ou catástrofes”.

Nos estudos nessa área, Delevati e Fausto Neto (2011) apontam que os pesquisadores estão preocupados com um novo jornalismo ambiental que possa ser, ao mesmo tempo, de caráter cívico, público, ético e educador, além de atender aos eixos da transversalidade e do holístico. Os autores fizeram uma análise de conteúdo de diversas dissertações e teses de doutorado e avaliaram que a maioria dos autores pesquisa os produtos, dando prioridade ao conteúdo do material jornalístico. Além disso, existe a necessidade de maior cuidado para “observação das fontes que estão sendo usadas na produção de matérias jornalísticas ambientais, cuidando para não deixar o tema ambiental subjugado ao racionalismo econômico” (DELEVATI; FAUSTO NETO, 2011, p. 1).

Um dos grandes passos para o incentivo à pesquisa em jornalismo ambiental foi a criação do Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo Ambiental, um evento acadêmico que está na sua terceira edição em 2015 e tem por objetivo incentivar e destacar estudos sobre a problemática ambiental e suas abordagens pelo jornalismo. O papel desempenhado pelo jornalismo nas discussões sobre as questões ambientais é o foco do evento. A segunda edição do evento foi realizada em 2014, em Porto Alegre. Nos Anais do II ENPJA, foram publicados três trabalhos na categoria Relatos de Práticas e Experiências, cinco na categoria Iniciação Científica e 20 na categoria Comunicações Livres. Estes últimos serão analisados neste artigo.

3. Análise dos artigos na categoria Comunicações Livres

Os critérios de análise dos 20 artigos na categoria Comunicações Livres nos Anais do II ENPJA foram quatro categorias aplicadas na pesquisa de Machado e Sant’Ana (2014, p. 4): “tipo de pesquisa, rigor formal, referências metodológicas utilizadas e o nível de formação dos autores”. Na avaliação sobre o tipo de pesquisa, é verificado se é um ensaio, pesquisa teórica, empírica ou aplicada. Para analisar o nível do rigor formal dos trabalhos, de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foi necessário verificar se os trabalhos são divididos em partes e se a conclusão vem separada do desenvolvimento do trabalho e ainda se a metodologia é apresentada no resumo, no corpo do texto ou nas duas partes. As referências metodológicas usadas foram avaliadas de acordo as áreas científicas dos autores citados. Por fim, também se classificaram os pesquisadores pelo nível de formação.

Para discorrer sobre o critério tipo de pesquisa, é importante lembrar a definição básica de cada um. O ensaio é uma exposição lógica e reflexiva sobre um tema com a

argumentação, interpretação e julgamento pessoal do pesquisador. Já a pesquisa teórica é, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 166), a forma básica da pesquisa bibliográfica com discussão e comprovação da teoria através do “contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. A pesquisa empírica envolve recolher dados a partir de fontes diretas através de observação, experimentos para a comprovação prática da teoria. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 169), em investigações de pesquisa empírica “devem-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra [...] para apoiar as conclusões”. A pesquisa aplicada visa resolver problemas e produzir conhecimento para aplicação dos resultados.

No critério tipo de pesquisa, a pesquisa empírica foi o gênero escolhido pela maioria dos pesquisadores dos textos analisados para este artigo. Em especial, a modalidade análise de conteúdo como tática metodológica para a pesquisa empírica. Dornelles, Medeiros e Martins (2014, p. 201) abordam os motivos dessa opção pelos pesquisadores que podem se encaixar na situação dos trabalhos sobre jornalismo ambiental do II ENPJA.

A eleição da análise de conteúdo como metodologia para a pesquisa em comunicação se deve ao fato de estar consolidada nos estudos na área das ciências sociais aplicadas, apresentando possibilidade de combinação entre a pesquisa de caráter qualitativo e a quantitativa. A AC possibilita o destacamento de um desses tipos de pesquisa sem perdas ao estudo, dado seu potencial ajustamento às necessidades dos objetos empíricos dos pesquisadores. Ainda, a diversidade de técnicas para investigação que permite também incide sobre sua escolha como metodologia de pesquisa (DORNELLES; MEDEIROS; MARTINS, 2014, p. 201).

Do total dos 20 artigos analisados, dois podem ser considerados ensaios, quatro são pesquisas teóricas e 14 podem ser enquadrados em pesquisas empíricas, com ênfase nas análises de conteúdo. Isso indica que os pesquisadores em jornalismo ambiental buscam desenvolver estudos de questões sobre a prática profissional e considerar os produtos jornalísticos como objeto científico. Nenhum dos trabalhos se encaixou no critério de pesquisa aplicada.

Em relação ao rigor metodológico, a proposta é verificar se os trabalhos estão dentro da estrutura formal dos artigos acadêmicos de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Dos 20 artigos, 19 apresentavam o texto dividido em partes e apenas um estava fora do padrão formal. Sobre possuir uma conclusão separada do desenvolvimento do trabalho, 14 artigos apresentavam essa parte e seis não, o que representa uma falha formal. A maioria dos trabalhos do II ENPJA, 18 artigos, explicitaram a metodologia utilizada tanto no resumo quanto no corpo do texto. A partir desses resultados,

identificamos que poucos trabalhos apresentaram falhas graves na padronização formal e nas regras de formatação de textos acadêmicos.

Como abordamos na primeira parte deste artigo, o jornalismo percorre um caminho nem sempre fácil para se consolidar como uma disciplina acadêmica e o jornalismo ambiental, como uma especialidade que ainda busca uma contextualização, também enfrenta essas dificuldades, em especial na escassez de publicações para as pesquisas na área. Mas os trabalhos publicados nos Anais mostram, a partir da leitura das referências, que todos os pesquisadores utilizaram autores das áreas de Comunicação e Ciências Sociais. Porém, a maioria é de autores do Jornalismo ou da Comunicação como Adelmo Genro Filho, Cremilda Medina, Felipe Pena, José Marques de Melo, Marcia Benetti Machado, Mário Erbolato, Michael Kunczik, Miquel Alsina, Muniz Sodré, Nelson Traquina, Nilson Lage e Otto Groth. No jornalismo ambiental, foram identificados autores como André Trigueiro, Ilza Girardi e Wilson da Costa Bueno. Foram ainda identificadas referências metodológicas de autores de outras disciplinas como Antropologia (Claude Levi-Strauss), Linguística (Mikhail Bakhtin), Análise do Discurso (Dominique Maniganeau) e Sociologia (Michael Schudson, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu) e Semiótica (Charles Sanders Pierce).

Esse resultado demonstra que, mesmo que o Jornalismo tenha sido fundado como campo científico a partir da hibridização de várias disciplinas (Machado e Sant'Ana, 2014), a preferência por citar em maior número autores do Jornalismo demonstra a busca dos pesquisadores em jornalismo ambiental por buscar uma consolidação e institucionalização da área e das discussões teóricas sobre a própria prática da pesquisa.

Quanto ao critério da titulação, do total de 31 pesquisadores que participaram da elaboração dos 20 artigos, dois são doutores, seis são doutorandos, 10 são mestres, sete são mestrandos, um é graduado e cinco são graduandos. Como a categoria Comunicações Livres do ENPJA é destinada ao trabalho de doutores, doutorandos, mestres e mestrandos, o registro de graduados e graduandos é devido ao trabalho de grupos de pesquisa que são coordenados por doutores e mestres. Essa interação é essencial para a preparação de jovens pesquisadores em ambientes de pesquisa selecionados, contribuindo para a evolução acadêmica da área. A parceria entre doutores, doutorandos, mestres e mestrandos na produção científica contribui para a redução nas falhas metodológicas nas pesquisas em jornalismo ambiental. Afinal, de acordo com Machado e Sant'Ana

A titulação formal dos especialistas simboliza o rito de legitimação acadêmica

pelos pares e amplia o círculo de relações e possibilidades de ação para diferentes atores. Quanto mais alto o grau atingido pelo pesquisador maior o reconhecimento e a legitimidade para atuar na instituição do campo científico (MACHADO; SANT'ANA, 2014, p.12).

A partir do conhecimento do nível da titulação dos autores dos artigos analisados, é possível afirmar que existe um passo significativo para a consolidação do jornalismo ambiental na área acadêmica no Brasil.

4. Considerações finais

A análise dos artigos publicados na categoria Comunicações Livres nos Anais do II ENPJA mostrou que os pesquisadores em Jornalismo Ambiental buscam evoluir nos estudos sobre os produtos jornalísticos como objeto científico e as práticas profissionais nessa especialização do Jornalismo que ainda busca por uma conceituação. A maioria dos artigos aponta como favorita a pesquisa empírica, tendo como tática principal a análise de conteúdo.

Boa parte dos trabalhos mostra a preocupação com o rigor científico e metodológico a partir da utilização de autores das áreas de Comunicação e Jornalismo. O uso da citação de autores de outras disciplinas serve para reforçar a comprovação das teorias aplicadas e análises feitas com os produtos escolhidos como objetos de estudo. A titulação da maioria dos pesquisadores é o mestrado. Porém, a parceria entre doutores, doutorandos, mestres e mestrandos, graduados e graduandos mostra que a preocupação com a qualidade da produção científica quando o tema é Jornalismo Ambiental.

Esses resultados são os indicativos para verificar em que medida um campo científico como o Jornalismo, no caso deste artigo a pesquisa em Jornalismo Ambiental, continua seu caminho na busca pela institucionalização, possibilitando que os pesquisadores prossigam no caminho da excelência de suas pesquisas. Este artigo visa incentivar os debates sobre essas questões para aumentar cada vez mais a qualidade das pesquisas sobre o tratamento das questões ambientais no Jornalismo.

]

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel A. de; SCHAUN, Ângela. Heurística do Medo: mídia e meio ambiente na sociedade de risco. **Revista Ação Midiática**, Curitiba, v.1, n.2, Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/acaomidiatica/article/view/26423/17631>>. Acesso em: 29 mai. 2015.

DELEVATI, Ananda; FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo Ambiental: como as pesquisas acadêmicas abordam o tema?. In: Congresso das Ciências da Comunicação na Região Sul, 12, 2011, Londrina. **Anais**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. 2011. 1 CD. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-1056-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. 2.ed. California: Sage Publications, 2000. p. 1-19.

DORNELLES, Juliana Paz; MEDEIROS, Vicente Reis; MARTINS, Marcel Neves. Tática metodológica: a análise de conteúdo na pesquisa empírica em comunicação. **Temática** (UFPB), Paraíba, v.10, n.5, p. 199-218, 2014. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/19255/10651>>. Acesso em 10 jun. 2015.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Em busca da disciplinarização da Comunicação: da noção de campo aos domínios da pesquisa. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 253-276.

GIRARDI, Ilza *et al.* Jornalismo Ambiental: caminhos e descaminhos. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 8, 2010, São Luís. **Anais**. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2010. Disponível em:

<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/cc_23.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, Elias. Metodologias de Pesquisa em Jornalismo: uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 10-28, 2010. Disponível em:

<<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/245/243>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

_____; SANT'ANA, Jéssica. Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo: um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da COMPÓS (2000-2010). **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo** (UEPG), Paraná, v.1, n.1, p. 29-45, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/viewFile/5917/3721>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, José Marques de. Prefácio. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 7-16.

_____. Metodologia de Pesquisa em Comunicação: itinerário brasileiro. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 1-14.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental: evolução e perspectivas**. 1997. Disponível em:

<<http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2015.